

“O Deus de nossa fé não é um ser longínquo”

Considera o que há de mais formoso e grande na terra..., o que apraz ao entendimento e às outras potências..., o que é recreio da carne e dos sentidos... E o mundo, e os outros mundos que brilham na noite: o Universo inteiro. E isso, mais todas as loucuras do coração satisfeitas..., nada vale, é nada e menos que nada, ao lado deste Deus meu! - teu! -, tesouro infinito, pérola preciosíssima, humilhado, feito escravo, aniquilado sob a forma

de servo no curral onde quis
nascer, na oficina de José, na
Paixão...

29/08/2006

... e na morte ignominiosa..., e na
loucura de Amor da Sagrada
Eucaristia. (Caminho, 432)

Ele é o mesmo Jesus Cristo que
nasceu de Maria Virgem; o mesmo
que padeceu e foi imolado na Cruz; o
mesmo de cujo peito trespassado
jorraram água e sangue.

Este é o sagrado banquete em que se
recebe o próprio Cristo, se renova a
memória da sua Paixão e, por meio
dEle, a alma chega a um convívio
íntimo com o seu Deus e possui um
penhor da glória futura. Assim
resumiu a liturgia da Igreja, em
breves estrofes, os capítulos

culminantes da história da caridade ardente que o Senhor nos dispensa.

O Deus da nossa fé não é um ser longínquo, que contemple com indiferença a sorte dos homens, seus anseios, suas lutas, suas angústias. É um Pai que ama seus filhos até o extremo de lhes enviar o Verbo, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, para que, pela sua encarnação, morra por eles e os redima; o mesmo Pai amoroso que agora nos atrai suavemente a Si, mediante a ação do Espírito Santo que habita em nossos corações. (É Cristo que passa, 84)
